Um estranho crime

PAULO MÁRCIO DE CASTRO RIBEIRO

"Não havia câmeras à vista, quando ele chamou John Lennon, mas a reconstrução desses segundos trágicos tem uma nitidez que imita a memória fotográfica. Lennon voltou-se lentamente para responder à saudação. Chapman, assumindo a posição de combate, abriu fogo; Lennon, vacilando, procurou encontrar abrigo seguro, mas caiu. Yoko Ono curvando-se sobre ele gritou . . . O rosto de Chapman exprimia satisfação. O porteiro lhe perguntou se sabia o que havia feito, ele disse: 'Acabei de matar John Lennon'."

Para surpresa e estupefação geral, não havia razão nenhuma para o crime. Aparentemente é realmente um crime louco, irracional e absurdo e, portanto, ininteligível.

Tentaremos penetrar nesse absurdo. Para explicar o impulso assassino apelamos a Nietzsche, no aforisma "Do pálido criminoso": "Assim fala o rubro juiz: 'Por que afinal matou o criminoso? Ele queria roubar' – concluí. Ao que retruca Zaratustra: 'Mas eu vos digo, sua alma queria sangue e não roubo, a sua alma tinha a sede da volúpia da faca'." Nietzsche chama a atenção para a loucura depois da açao, que consiste em emparelhar uma outra razão que empalidece a pura volúpia assassina (por exemplo, aquele que mata e depois rouba, como queria o juiz).

No assassinato de Lennon isso não ocorre, a volúpia assassina se manifesta pura. Não há loucura depois da ação, a ação aparece límpida e cristalina e, portanto, absurda.

Examinaremos agora alguns pontos da história de Mark Chapman: para os amigos Mark era tal como eles, aparentemente tão normal que era descrito como uma pessoa comum. Chapman era um rapaz sulista numa época de conflitos e protestos de *hard rock* e de drogas, enquanto as autoridades e a religião lhe pediam conformidade e fé. Acreditava na expansão da mente, o que se constituía numa espécie de religião para ele. Demonstrou sua devoção aos Beatles numa carta a um amigo: "No primeiro dia Deus criou o céu e a terra. E, em seguida, Deus criou os Beatles e outros grandes grupos." Relembrando a afirmação de Lennon em 1966 que os Beatles tinham mais fama do que Jesus tivera, riu bem-humorado com seus amigos. Depois pareceu renascer para o cristianismo, largou as drogas e passou a fazer pregações, hostilizando abertamente várias de suas velhas amizades, mudou de roupas, cortou o cabelo e passou a vociferar contra o *rock'n roll*. Em seguida, volta-se contra seus antigos ídolos, em particular contra Lennon.

Aquele que era seu ídolo, seu ideal de ego, vira seu inimigo, num movimento imaginário que vai da fascinação à rivalidade mortal. O que podemos constatar no comentário irônico feito por Mark quando perguntando sobre o sucesso de *Imagine*: "O melhor que temos a imaginar é que Lennon está morto."

Neste ponto encontramos uma abertura que possibilita uma aproximação psicológica. Freud, no seu artigo de 1919, O estranho, examina a oposição existente nas palavras

Unheimlich e *Heimlich*. *Heimlich* quer dizer do lar, doméstico, familiar, costumeiro, usual etc. *Unheimlich* quer dizer não-doméstico, estranho, sobrenatural, sinistro etc. Freud conclui que aquilo que nos é estranho agora, nos foi familiar outrora.

Essa inquietante estranheza em relação a Lennon foi acompanhada de uma grande transformação na vida de Mark. Tornou-se fanaticamente religioso, racistamente religioso. Enamorou-se de Jessica, muito religiosa, que ao que parece tornou ainda mais firme a sua fé. Ao abandonar a instituição religiosa que freqüentavam, Jessica rompe a relação. Pouco depois torna-se guarda de segurança. Vai para o Havaí, onde fracassa numa tentativa de suicídio. Entra em conflito com os colegas de serviço e demite-se. "No dia 23 de outubro assina o livro de condomínio com o nome de John Lennon e em seguida risca-o com traços vigorosos". Lennon passou a ser odiado como outrora fora desejado. Lennon transformou-se no duplo de Chapman repelido, transformou-se no judeu do Chapman fascista.

De acordo com Daniel Sibony no seu artigo sobre o afeto racial, "é banal relacionar-se o que chamamos racismo com uma desavença mais ou menos inextricável com a diferença: uma apreensão (. . .), um nada, um jogo alusivo a qualquer falta insignificável, uma fruição que se exaspera de seu próprio impasse, que explode numa luta corpo a corpo ou na descarga assassina pura e simples".

O que se mobiliza entre o sujeito e seu duplo projetado fora é toda a constelação identificatória do sujeito, seus elementos arcaicos (em particular o estágio do espelho), suas experiências elementares do semelhante, "sua alienação no (e sua separação do) outro (. . .) é preciso considerar-se esse espelho como lugar de morte e de agressividade narcísica".

O racista procurará preencher o vazio, o nada de onde advém, com essa rixa que sustenta com o outro, que fica sendo uma garantia de desejo e de verdade. Essa rixa o coloca como autoridade e só se autorizará a desejar daí.

"Constitui-se assim para o racista um impasse de delimitação do ego: projeção, recalcamento do duplo fora do sujeito e ao mesmo tempo leitura de sua implacável conveniência."

A solução para esse impasse de rivalidade imaginária foi a mais imaginária de todas, foi matá-lo (ou ele, ou eu). Ao matar John Lennon, Chapman vive, passa para a história (até que ponto Chapman eterniza Lennon ao matá-lo, ao crucificá-lo, constitui-se numa questão em aberto), ocupa seu vazio original.

Mas ainda resta uma questão incômoda: que solo é esse que faz brotar tão medonha flor? Será que Chapman é um caso isolado, especial?

É importante notar que a revolta de Mark não é exclusiva. "A maioria dos norte-americanos havia desculpado a comparação entre a fama de Jesus e a dos Beatles feita por Lennon. Mas o Sul dos EUA não", o sul de Chapman não o desculpara. "Nas cidades sulistas houve uma onda de manifestações contra os Beatles, seus discos foram queimados publicamente e nada menos de 35 estações de rádio boicotaram suas músicas. A excursão que fizeram pelo sul dos EUA foi a última. Eles foram recebidos com tomates e ovos podres, e bombas de festim que explodiram nos camarins. "Houve uma reação coletiva de uma comunidade que não suportou o abalo do tabu Jesus provocado pelo comentário de Lennon, que parece ter-se constituído na sua própria sentença de morte.

Esse abalo trouxe à tona, despertou a violência, aparentemente inexistente, que mantém a sociedade coesa e harmônica. Mesmo não sendo um soldado, Lennon foi abatido por um soldado, como um soldado que é abatido numa guerra. Só que não havia campo de batalha, nem exército, nem territórios a conquistar.

Essa reação coletiva hostil nos faz lembrar aquilo que Reich chama praga ou epidemia emocional, que se manifesta essencialmente no viver social: "os setores nos quais a praga

emocional é mais ativa são os mais importantes da vida; o misticismo destrutivo (ou fascista), o impulso passivo e ativo pela autoridade, o moralismo, a política partidária, a praga familiar ou *familitis,* os métodos sádicos de educação, a tolerância masoquista desses métodos ou a rebelião criminal contra eles, a fofoca e a difamação, a burocracia autoritária, a ideologia bélica imperialista, a extorsão em todos os sentidos, a anti-sociabilidade criminosa, a usura e o ódio racial".

Isso que Reich chama de epidemia emocional se materializa numa espécie de exército que tem o objetivo de manter a ordem, com hostilidade e violência, que não é instrumentado nem constituído diretamente por instituições oficiais do estado; mas que nem por isso deixa de ter o poder de matar, como podemos ver nesse exemplo.

Sim, porque apesar das características especiais de Chapman, da sua peculiar identificação com Lennon, ele não deixa de ser também, no meu entender, o executor de uma sentença coletiva da comunidade do sul dos EUA.

Nesse sentido, Lennon foi assassinado por um soldado sem farda, desempregado, a serviço da corporação internacional, aparentemente inexistente, denominada por Reich *inércia e tradição.*